



## **“Ruben”, uma parábola para os nossos tempos**

"Ruben", a Parable for Our Times

**Nancy Rozenchan\***

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

nrozench@usp.br

**Resumo:** Quando uma parábola traz detalhes exagerados e animais falantes, às vezes, é reconhecida como um apólogo. Enquanto temas e justificativas para parábolas/apólogos são praticamente imutáveis há séculos, formas e artifícios para abordá-los tendem a se multiplicar e a valer-se de inovações, como se pode averiguar no conto “Ruben”, de Shelly Oria e Nelly Reifler, que é para onde a narrativa se derrama após extrapolar os limites de narrativa moral. A complexidade resultante dos jogos de temas, personagens, papéis justifica explorar as várias categorias de enigmas que acabam por dar forma a esse relato.

**Palavras-chave:** Parábola. Shelly Oria. Nelly Reifler.

**Abstract:** When a parable has exaggerated details and talking animals, it is sometimes known as an apologist. While themes and justifications for parables / apologists have been practically unchanged for centuries, forms and artifices to address them tend to multiply and draw on innovations, as can be seen in Shelly Oria and Nelly Reifler's "Ruben" which is where the narrative spills after extrapolating the limits of moral narrative. The complexity resulting from the games of themes, characters, roles justifies exploring the various categories of puzzles that end up giving shape to this story.

**Keywords:** Parable. Shelly Oria. Nelly Reifler.

*É uma grande mitsvá<sup>1</sup> estar sempre feliz*

(Nachman of Breslov)

A literatura israelense tem vertentes incomuns. Originária da literatura hebraica nascida nos países do leste europeu em meados do século 19, estabeleceu-se em solo próprio, no século 20, no que viria a se tornar o moderno Estado de Israel. Os

---

\* Professora Sênior de Língua e Literatura Hebraica da Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> Preceito, mandamento (hebraico). Por extensão: cumprir um preceito.



escritores que a trouxeram, nascidos na Europa, foram sendo substituídos por outros, nativos da nova terra, e que, ao contrário dos que os antecederam, tiveram o hebraico como língua materna.

Esse processo não se esgotou na primeira geração de imigrantes: foi sendo incrementado com a vinda de novas levas de recém-chegados que, lentamente, assim como já ocorrera, deixaram de lado suas línguas originais e assumiram a escrita hebraica. Foi assim com as escritas em ídiche e árabe, entre outras.

A partir de 1970, seguiu-se mais uma etapa desse fenômeno, com a vinda de judeus dos países que compunham a antiga União Soviética. Nessa leva, porém, a literatura passou por processo diverso: a maioria desses novos habitantes de Israel não deixou para trás a(s) sua(s) língua(s) – russo, ucraniano ou outras – e somente uns poucos autores, em particular os que chegaram em tenra idade, assumiram escrever na língua do país.

A essas características acresceram-se na última década mais alguns traços incomuns como os dos escritores israelenses que passam a viver em outros países, principalmente nos Estados Unidos e que continuam a escrever em hebraico. É verdade que tal fenômeno, de escrever em hebraico fora do solo israelense, já existia há noventa anos, quando só nos Estados Unidos puderam ser nomeados mais de uma centena de autores que se expressavam na língua bíblica, conforme informou o Prof. Alan Mintz, citando uma informação de uma coluna do periódico hebraico-americano *Hadoar*.<sup>2</sup> Foi esse um fenômeno concomitante com o desenvolvimento da literatura hebraica na antiga Palestina. Em sua maioria, os escritores eram originários de solo europeu. Após a morte dessa geração, o fenômeno se esvaiu.

E, por fim, há poucos anos, surgiram escritores que, nascidos em Israel, vivem agora nos Estados Unidos ou no Canadá e escrevem em inglês. Começaram a produzir inicialmente em hebraico e, por motivos variados, passaram à língua do país onde vivem agora. Somando-se às diversas vertentes mencionadas, e, apesar de não escreverem em hebraico e nem viverem a maior parte do tempo em Israel, são apensos à literatura israelense.<sup>3</sup> Shani Boianjiu<sup>4</sup> e Shelly Oria, nos Estados Unidos,

---

<sup>2</sup> KISSILEFF, 2015.

<sup>3</sup> Amós Oz e sua filha Fania Oz-Salzberger escreveram e publicaram *Jews and words* originalmente em inglês. Etgar Kéret fez o mesmo com *The Seven Good Years*. Ambos estão traduzidos para o português. Como continuam a viver em Israel e a produzir em hebraico, não são incluídos no rol de escritores israelenses que passaram a escrever somente em inglês. O mesmo ocorre com os quadrinistas Yirmi Pinkus e Rutu Modan que também lançaram obras em inglês. *The Property*, de Modan, tem tradução ao português.

<sup>4</sup> *The People of Forever Are Not Afraid*, de Shani Boianjiu, foi traduzido ao português.



Lavie Tidhar, em Londres, e Ayelet Tsabari e Avner Mandelman, no Canadá, compõem esse pequeno grupo; suas obras têm despertado expressivo interesse, merecendo prêmios e traduções para outras línguas.

Sem levar em consideração o uso diverso da língua, vários traços comuns caracterizam esses dois grupos, os expatriados que escrevem em hebraico e os que escrevem em inglês. Os motivos que os levaram a viver fora de Israel estão, na maioria dos casos, vinculados a questões de oportunidades de trabalho. Destaca-se também o fato de vários deles terem se mudado em busca de cursos acadêmicos que preenchessem seus interesses de criação literária. Não há dentre os autores expatriados manifestação de desinteresse por Israel; ao contrário, todos eles mantêm fortes laços com o país de origem e a ele retornam com assiduidade. São exilados por opção. Os temas e as tramas de suas literaturas não diferem fundamentalmente da que é produzida em Israel. O que se passa no país natal, em uma era em que a comunicação e a informação transformam todo e qualquer fato em vivência imediata e coletiva, torna quase dispensável a presença física do autor na cena dos acontecimentos. Todavia, há traços que particularizam a escrita por expatriados.

Temas ligados à experiência militar, obrigatória para cidadãos israelenses, missões de segurança, tensões pelas quais passam os soldados, quando além das dificuldades da adaptação às normas, as jovens estão sujeitas em maior escala a assédio sexual por parte de companheiros de armas, despontam em várias obras, sendo que aquelas de autoria feminina apontam, especificamente, para os que as mulheres são submetidas.

A rudeza que israelenses precisam assumir ante situações infundáveis vinculadas à sobrevivência ou à segurança no país e a simultânea assunção da responsabilidade individual e coletiva ante essas circunstâncias tornam, por vezes, a sobrevivência israelense quase insuportável. Ainda assim, como apontam diversas das obras de expatriados, a vida cotidiana deve se conduzir como se fluísse sem entraves.

O destino e a identidade do “outro” de Israel, tanto os que são habitantes locais como os que vêm ao país para prover o seu sustento e dos familiares deixados para trás ou que buscam abrigo em Israel – o árabe, o palestino, o cuidador filipino, o refugiado sudanês – são também alvo frequente da escrita produzida fora de Israel.

“Outros” são também os membros das diversas etnias e grupos culturais judaicos israelenses, eventualmente considerados como minorias, ainda que não o sejam numericamente, mas que tenham sofrido das mazelas oficiais ou formais como se fossem grupos minoritários: os assim chamados judeus *mizrachim*, orientais, provenientes dos diversos países árabes de onde foram expulsos ou se viram obrigados a fugir, deixando bens para trás e tendo que abdicar de quase toda a bagagem e legado cultural acumulado por muitos séculos; os russos, judeus ou não, que vieram em busca da possibilidade de se conduzirem (ou não) como judeus; judeus religiosos de nuances diversas que somam (ou não) vivências modernas aos



seus múltiplos compromissos espirituais; sobreviventes da Shoah e seus descendentes, com as peculiaridades daquilo que sofreram e sofrem que se estendem até a terceira geração.

Viver em Israel e garantir a existência pessoal e coletiva são um pesado fardo para os habitantes locais. São diversas as ambivalências que se contrapõem naquela realidade cotidiana, da claustrofobia e da camaradagem à inevitável fragmentação libertadora, protetoras essas duas últimas mas, ao mesmo tempo, desgastantes. Nessas multiplicidades, subjazem todos os aspectos de tratamento de temas como lar, família, deslocamentos, identidade, amor e perda.

Escritores expatriados são levados a avaliar todas as possibilidades que emergem no solo israelense, pois as conhecem de perto e as vivenciaram em seus anos de formação; não se desvinculam deles mesmo com a distância geográfica. Ao mesmo tempo, não têm como se eximir da necessidade de rever essas questões a partir do novo país que habitam e de sua cultura, ou da negociação que assumem entre as duas culturas, a nativa e a assumida, como não podem deixar de avaliá-las de forma mais livre, mais cuidadosa ou mais crítica, pois aqueles que podem moldar a sua opinião, o seu modo de tratar a sociedade ou família ou o indivíduo, ou seja, os seus leitores ou críticos, tornaram-se invisíveis. Preocupam-se com os eventuais novos leitores para os quais eles são novidade e também absolutamente desconhecidos. A expressão hebraica existe na sua memória e não mais na rua, onde os que por ela transitam nada têm a ver com o mundo interior de um escritor israelense diaspórico.

Beth Kissileff, norte-americana que aborda amplamente o assunto, destaca que uma das grandes diferenças entre escritores hebraicos em Israel e os que vivem fora é a sensação desses últimos de estarem fazendo algo que é “segredo”, não compartilhado por aqueles que pertencem à vida cotidiana do autor, sequer pelos membros da sua família.<sup>5</sup> Escrever fora de Israel pode levar a uma mudança no tom usado na narrativa que pode passar a ser mais contido, mais polido, menos emocional, em conformidade com o ambiente adotado, se isso for ali um traço marcante, ou, ao contrário, mais liberado, pois não sofre constrangimentos do público do entorno ou do distante. Também a nova ambientação, que obriga o escritor a levar uma “vida normal” adaptada à sociedade norte-americana, canadense ou outra, leva-o a entender as novas ambientações onde decidiu se instalar, a reencaixar ali as formas trazidas de Israel, suas regras, e, como resultado, repensar o seu universo original israelense e, em alguns casos, o judaico, nem sempre levado em consideração no universo judaico laico ou semilaico de Israel de onde provêm a quase totalidade dos escritores israelenses.

---

<sup>5</sup> This sense of doing something that is “secret,” not shared by those in one’s day-to-day life, and sometimes not even by other family members, is one of the great differences between Hebrew writers in Israel and those outside it. KISSILEFF, 2015.



O encontro com a nova cultura, assim como com novos circundantes que podem ser de inúmeras religiões e/ou culturas não dominantes no país adotado provocam interessantes revisões identitárias como, por exemplo, a reavaliação da imigração da geração anterior a Israel, de pais fugidos/refugiados/sobreviventes de países para onde não havia retorno, avaliadas agora em contraste com as novas identidades voluntárias que os filhos assumiram livremente e em que se assimilam e se integram de livre vontade.

Shelly Oria, que passou a escrever em inglês, referindo-se à própria escrita, mencionou:

Descobri que minha voz muda muito quando escrevo em inglês [...] É verdade tanto para o estilo de escrita quanto para os assuntos dos quais escrevi, algo em mim se liberou; você começa a confiar em outras coisas, escrevi sobre o tempo que parou em uma das histórias. Eu me voltei para a minha perturbação e confiei nela, quando antes eu não precisava. Em hebraico, minha escrita era muito mais na linha do realismo.<sup>6</sup>

Amor, felicidade, sexo, problemas de clima, gênero, identidade, drogas. Todos eles assuntos na ordem do dia. Quando se somam com elementos da tradição judaica, resultam em relatos extraordinários com saldos inusitados, como o que se lê em “Ruben”,<sup>7</sup> de Shelly Oria e Nelly Reifler.

De início, o já inusitado feito de escrever um conto em dupla. As duas autoras são instrutoras de criação literária nos Estados Unidos. Oria foi, há anos, aluna da hoje amiga Reifler. Inusitado é o fato de Oria, uma escritora israelense, ainda que circunstancialmente nascida nos Estados Unidos, produza em inglês, língua em que “Ruben”, uma parábola/apólogo para os nossos tempos, foi escrito.

Em vez de usar a discussão abstrata, uma parábola sempre ensina em comparação com ocorrências reais ou literais – especialmente as ocorrências cotidianas, caseiras, com as quais um grande número de pessoas pode se relacionar. As parábolas servem de excelentes ferramentas de ensino porque usam metáforas e imagens simbólicas reconhecíveis pelo público. Como resultado, um contador pode transmitir verdades morais ou religiosas altamente complexas de uma forma que é compreensível e confiável. Isso é especialmente útil para filósofos ao tratarem notoriamente de assuntos complexos. Essas curtas narrativas de instrução são inseridas ao lado de argumentos filosóficos intrincados para servir como uma ilustração verbal da

---

<sup>6</sup> Entrevista a Omri Chosh: Hassofrot haisraeliot shebcharu beanglit. (As escritoras israelenses que preferiram o inglês) YEDIOT Acharonot, 2016. (Todas as traduções são nossas).

<sup>7</sup> ORIA; REIFLER, 2016.



questão abordada. Quando uma parábola tem detalhes exagerados e características lunáticas, como os animais falantes, às vezes é conhecida como apólogo. Enquanto temas e justificativas para parábolas/apólogos são praticamente imutáveis há séculos, formas e artifícios para abordá-los tendem a se multiplicar e a valer-se de inovações, como se pode averiguar no conto de Oria e Reifler, que é para onde a parábola/apólogo se derrama após extrapolar os limites de narrativa moral. A complexidade resultante dos jogos de temas, personagens, papéis justifica explorar as várias categorias de enigmas que acabam por dar forma a esse relato.<sup>8</sup>

O personagem Ruben, que dá título à parábola, é um rato. Inscrito numa longa tradição de ratos na literatura, como em Franz Kafka, por exemplo, ele vive em uma gaiola na casa de Lonny e de sua companheira, a narradora. Como é típico do gênero, trata-se de um relato conciso, ainda que não breve, narrado por um único ponto de vista em linguagem direta, com poucos traços descritivos, sendo que sentimentos e motivos surgem quando absolutamente essenciais. Essas características gerais qualificativas do gênero são elementos secundários uma vez que aquilo que se destaca é a própria temática, quase imperceptivelmente tingida por um ou outro traço particular vinculado ao mundo judaico, ou, quem sabe, uma experiência integralmente judaica ou, a gosto do leitor, uma experiência universal repassada por um estilo judaico.

A cena ocorre possivelmente em uma cidade norte-americana, Nova York, por exemplo. Lonny e a narradora empenham-se em alimentar o rato para que este fale, que é o que se espera dele, sobre como se atinge o céu, e que cumpra uma profecia. Para isso, seguem as orientações de Messiah, aquele que lhes transferiu o animalzinho. Indagado sobre o que fazer para que o rato fale, Messiah, que se expressa por palavras únicas, recomenda apenas paciência. Ante o mutismo do animal, os proprietários provisórios passam a caprichar na alimentação que lhe dão. À medida em que se aprimoram, o animal começa a repetir um “*more*”, mais, mais comida. Para obter algum avanço, chegam à conclusão de que precisam dar um nome ao roedor, escolha que acaba recaindo em “Ruben”, nome do melhor amigo de Lonny que havia morrido dois anos antes em um acidente de carro, a respeito do que o casal nunca conversou.

Dar um nome é um ato primordial para completar a criação, como se pode verificar em Gn 2:19,20: tendo Deus formado todo animal do campo e toda a ave do céu, os trouxe a Adão, para este ver como os denominaria. Enquanto a criação coube a Deus, nomeá-la foi ato humano; o poder da palavra, da fala, cria uma situação de posse e de domínio. O uso de um nome próprio aponta, certamente, para uma evolução, e

---

<sup>8</sup> “Ruben” oferece várias possibilidades de leitura e interpretação. Em entrevista, Oria informou a intenção das autoras de, a partir de “Ruben”, escrever outros contos a serem reunidos em um livro. DROHAN, 2017.



Ruben já não se manifesta pelo “mais”, passa a exprimir os seus desejos e chega a agradecer pelas belas sobremesas. O casal, totalmente devotado ao animal, vive melhor, mais feliz, mesmo não tendo conseguido obter a desejada mensagem. O rato, cordial, vai aos poucos tendo um comportamento mais assemelhado ao dos humanos, lê, faz exercícios na gaiola cujos apetrechos se assemelham aos da casa. O avanço nos relacionamentos com Ruben, entretanto, é interrompido pela vinda de Messiah para anunciar que o rato passará à propriedade de outrem, um par de lésbicas. Inconformada, a narradora consulta Ruben sobre o motivo de não terem conseguido avançar quanto à profecia de como alcançar o céu, ao que ele retruca que eles não sabem tudo e deviam tê-lo consultado.

Avaliando a situação, a narradora acha que deveriam agradecer ao rato por terem se tornado mais felizes enquanto progrediam nos cuidados com ele. Lonny, por sua vez, acha que ambos estragaram a situação por terem se tornado tão felizes, por terem perdido o foco e sequer terem perguntado como atingir o céu. Finalmente ocorre a consulta ao rato que lhes explica que o céu é feito como um bolo em camadas, em sequência, filosofa sobre o sentido do céu e sobre como as pessoas se comportam em relação a isso. Entre si, o casal chega à conclusão que Messiah os inveja por serem felizes e, por isso, lhes tomará o rato.

Até se dirigir ao final surpreendente que extrapola e subverte a parábola, o relato ainda abrange a tomada de consciência do presente e daquilo que havia ficado para trás, a superação da própria ignorância e a chegada das novas guardiãs do rato, Sakinah e Mary Ellen.

Os pontos levantados até aqui já apontam para a singularidade dessa parábola, tanto na abordagem do tema como nos diversos meios utilizados para expô-lo e poder deflagrar eventualmente uma conceituação moral no fim, o que, na verdade, não se pode afirmar que ocorra.

Na construção de “Ruben”, é notável a perspicácia das autoras Oria e Reifler em introduzir quase sub-repticiamente aspectos que remetem a vários campos e pontos de vista do universo judaico, foco do interesse desse texto. Esses aspectos sustentam-se em geral em uma ou duas palavras apenas por vez. A mesma característica de brevidade é válida para traços genéricos do universo em que se desenrola a trama, apontando para questões contemporâneas como clima – a névoa cor de laranja que vai se tornando azul à medida em que as etapas do conhecimento vão sendo desenvolvidas –, identidade e natureza do ser humano. Esses traços são perceptíveis nas caracterizações de personagens, nomes, situações diversas.

Um *dreidl* de acrílico onde Lonny estocava a sua erva é mencionado nos momentos de maior tensão. Avaliando o estado lamentável a que haviam chegado algum tempo antes da vinda do rato, a narradora lembra que Lonny então enchia o *dreidl* com uma frequência maior, a que Lonny menciona que ela não parava de fazer compras inúteis



pela internet. São itens suficientes para estabelecer um aspecto do perfil dos protagonistas mais humanos; mais ainda, o *dreidl* serve para situar a trama dentro de um campo em que sorte e destino se entrecruzam.<sup>9</sup> *Dreidl* é vocábulo ídiche que indica o pião usado em especial na celebração da festa de *Chanuká*. A festa comemora a vitória da luz sobre a escuridão, a luta dos judeus contra os seus opressores, a vitória da pureza sobre a degeneração e da espiritualidade sobre o materialismo. O pião tem quatro letras hebraicas estampadas, uma em cada uma de suas faces e significam, respectivamente, “um grande milagre ocorreu lá”. Tradicionalmente gira-se o pião e aposta-se na letra que despontará na face superior. A utilização contemporânea do *dreidl* naquela casa coloca em xeque o uso tradicional com seu simbolismo e como jogo ou brinquedo para lançar a sorte aos apostadores. A ausência de simbiose entre o uso antigo e o contemporâneo do pião sugere alguns dos traços do estranhamento que caracteriza a trama de “Ruben”.

Lonny e a narradora procuram o caminho para o céu que Ruben, o rato, explicará quando o casal conseguir formular em conjunto perguntas relativas a isso. O que o casal procura, expresso em vocábulos simples e de forma seca, propositadamente aberta, não goza de nenhuma definição, pois não é função da parábola explicá-la; ela pode ser entendida literalmente ou de qualquer forma que se queira, como metáfora, o que combina com o gênero da parábola; faz-se necessária uma leitura muito perspicaz para discernir as diversas opções no texto e, pelo visto, todas as interpretações podem ser válidas.

A escolha de um rato para o papel de profeta ou conselheiro é provocante e, sendo ele, afinal, um ou o agente das descobertas, justifica diversas considerações a seu respeito.

Mencionado na Bíblia, o rato, como ocorre em diversas culturas, é considerado animal impuro. Todavia, há que se reconhecer a sua inteligência que o torna capaz de relacionar morte de companheiros à ingestão de alimento envenenado e, com isso, salvar-se. Seus sentidos aguçados permitem que sobreviva em condições adversas adaptando-se ao ambiente. Além das boas e más características naturais do roedor, a atribuição de um nome bíblico escolhido a dedo merece ser avaliada para delinear a importância que as autoras lhe conferiram no relato.

Ruben foi o filho primogênito de Jacó com Léa, a esposa não amada do patriarca bíblico que com ela coabitou pensando tratar-se de sua irmã, a amada Raquel. O nome é comumente entendido como uma exclamação hebraica de Léa, “vejam, um filho!”; a esta declaração, segue-se, no texto bíblico, a explicação da mãe, de que Deus viu a sua aflição e agora, tendo gerado um filho, o marido a amará. Ruben, que iria liderar uma das doze tribos hebraicas, é mencionado no texto bíblico como honesto

---

<sup>9</sup> A palavra hebraica *mazal* designa tanto sorte como destino ou sina.





mas também como tendo cometido abominação ao dormir com Bil'ha, a concubina de seu pai.<sup>10</sup> O quinhão de Ruben no legado de Jacó, como filho mais velho, foi prejudicado pelo seu comportamento. O pai, todavia, não o excluiu do rol dos seus herdeiros. Ruben não foi repudiado e expulso por causa disso. Muitos anos depois, ao abençoar seus filhos, Jacó disse a Ruben: “não te sobressaias”.

Da vida de Ruben, o rato, aquele que consegue sobreviver e se adaptar, sabe-se apenas que já precisou viver em dez casas e que logo deverá ir para uma nova. Uma possível leitura sustentada por conceitos da cabalá pode ser sugestiva. Ao declarar que foi bom ter estado na casa deles (segue-se a relação de todas as guloseimas com que foi aquinhado), e os elogia dizendo que foi uma das melhores estadias que teve em uma casa humana, (“Frankly, this has been one of the top ten stays I’ve ever had in a human household”), o rato estaria se embasando no conceito das dez emanções divinas, as *sefirot*. E, como compete a um texto de parábola, conclui reclamando que ainda não tinha recebido o seu café predileto, o *caramel latte*, naquela manhã.

Alimentos, pratos especiais de várias culturas, inclusive a israelense, como o faláfel, preparação de alimentos com adoçantes para não prejudicar o rato, objetos que são comuns em parábolas cristãs, porém de traços modestos, são tema recorrente no relacionamento entre os personagens. Assim, soa natural que Ruben, fazendo uso da imagem instrutiva das camadas de um bolo, discorra, na fala mais longa do conto, sobre o que significa galgar ou aprofundar-se em cada uma destas camadas. Quando o par de ouvintes, em momento de elevação, cai em si ao entender o ensinamento, é a hora de Ruben desferir a segunda parte da sua missão, expor a queda, ordenando-lhes, como num confessionário, que se lembrem do que havia acontecido na noite de diversão ou farra em que tinham estado com o alegre Ruben humano até o desastre que o matara. Aparentemente espantados, cheios de horror e de desespero, como um Adão e uma Eva após ingerirem o fruto do saber, os dois tratam de agarrar-se ao que puderem para não perderem de todo o paraíso de que tinham desfrutado.

Ascensões e quedas foram instituídos desde o surgimento dos primeiros seres humanos bíblicos; Ruben, primogênito de Jacó, também não escapou a esta sina; um rato com nome, preciosa presença nessa parábola, apontando para diversos caminhos, é mais eficaz e honesto do que uma tentadora e malévola serpente que

---

<sup>10</sup> Das suas boas qualidades, ressalta-se, além de outras vinculadas ao mesmo caso, que persuadiu seus nove irmãos a lançar José num poço seco, em vez de matá-lo, sendo o objetivo de Ruben retornar secretamente e tirá-lo do poço. Quanto à abominação de deitar com Bil'ha, que ocorre logo após a morte de Raquel, a esposa predileta de Jacó, não é claro se o fez somente por lascívia ou para, desta forma, impedir que Bil'ha, serva da falecida, se tornasse a mulher principal em detrimento de sua mãe Lia.



desafiou o Senhor do Universo. O rato expõe a sua sensibilidade ao ser o portador do ensinamento e alegra-se com os resultados que obtém.

Oria e Reifler fizeram um uso livre dos elementos da cultura conforme são entendidos no judaísmo, desmembrando-os e os rearranjando de forma aleatória, com trocas de papéis e funções. Segundo algumas linhas da tradição judaica, a vinda do Messias é antecedida pelo anúncio feito pelo profeta Elias. O personagem Messiah provavelmente não é um Messias, não se faz anunciar; sua função, ainda importante, é indicar onde se dará o próximo ato de salvação, segundo foi transmitido pelas gerações. Não se trata de salvação promovida por um ente todo poderoso, porque, pelo que se lê, cabe aos seres humanos, se o comportamento de Lonny e companheira for seguido, aperfeiçoar-se para si e, conseqüentemente, para o universo. É difícil a missão de Messiah; é preciso transferir com frequência o emissário que leva à salvação a postos situados sempre em outra parte e esperar que transcorra o demorado período que leve ao discernimento para que os humanos atinjam o aprimoramento desejável. Messiah é amigo antigo de Lonny, é-lhe difícil reconhecer que Lonny não havia alcançado o conhecimento ou se distanciado das benesses materiais e, todavia, é preciso dar continuidade ao seu propósito. Na prática, Lonny e a narradora atingem um patamar mais alto logo após a partida de Messiah quando começam a entender como se passa o processo de aprendizagem. De alguma forma, Messiah os aproximou de um refinamento.

Quando a parábola está quase esgotada e se torna um conto, aparecem as novas encarregadas de levar adiante alguma missão. Note-se que os nomes de ambas são bastante sugestivos: Mary Ellen e Sakinah. O remoto local de origem de ambas e a tosca troca de palavras sobre a gaiola ou como acomodar a nova bagagem no avião indicando apenas o aspecto material da condução do rato ficam ofuscados ante a apresentação de seus nomes próprios. Seria Sakinah uma corruptela de *Shechiná*,<sup>11</sup> a divina presença? Em paralelo, as mães cristãs Maria e Helena<sup>12</sup> que compõem o nome de sua companheira Mary Ellen poderiam constituir, ainda que com suas vulgares preocupações, uma dupla coesa para cumprir a profecia a ser exposta pelo rato?

A parte final do conto, em que os personagens se “apossam” da parábola para resolvê-la à sua maneira, extrapola o campo da parábola/apólogo e, por si só, exige uma outra apreciação.

---

<sup>11</sup> A habitação ou presença de Deus (divina presença), especialmente no Templo em Jerusalém. De acordo com a concepção cabalística, a *Shechiná* é uma energia cósmica poderosíssima em si mesma, que habita no interior do universo e o vivifica.

<sup>12</sup> Mãe do imperador Constantino; teria sido quem descobriu o local de crucificação de Jesus; naquele local foi erguida a Basílica do Santo Sepulcro.



## Referências

DROHAN, Colin. Hanging Out in Other People's Heads: An Interview with Catapult Instructor Shelly Oria. *Catapult*, 2 mar. 2017. Disponível em: <<https://catapult.co/community/stories/hanging-out-in-other-peoples-heads-shelly-oria>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

KISSILEFF, Beth. Israel Has an Amazing Literary Diaspora. *The Tower*, n. 22, jan. 2015. Disponível em: <<http://www.thetower.org/article/israel-has-an-amazing-literary-diaspora/>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

ORIA, Shelly; REIFLER, Nelly. Ruben. *No Tokens*. Issue n. 5. Spring/Summer, 2016. Disponível em: <<http://notokensjournal.com/fiction/ruben/>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

YEDIOT Acharonot. 3 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.ynet.co.il/articles/0,7340,L-4883173,00.html>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

-----

Recebido em: 02/02/2018.

Aprovado em: 02/03/2018.